

GÊNEROS DIGITAIS E TICS: OS CURSOS DE FORMAÇÃO EM LETRAS TÊM PREPARADO OS FUTUROS PROFESSORES PARA TRABALHAR COM ESSAS FERRAMENTAS DE ENSINO?¹

DIGITAL GENRES AND TICS: HAVE THE TRAINING COURSES IN LETTERS PREPARED FUTURE TEACHERS TO WORK WITH THESE TEACHING TOOLS?

Maíra Ferreira Sant'Ana
UFMG

RESUMO: No atual contexto social nota-se a profusão de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e de gêneros digitais. A partir disso, a presente pesquisa tem como objetivo, em um primeiro momento, discutir a inserção das novas TICs no contexto de ensino (OLIVEIRA, 2003; GUIMARÃES, 2003; SIQUEIRA, 2013) e sobre os gêneros digitais (MARCUSCHI, 2002, 2005; FERRAZ, 2010; NOGUEIRA, 2012). Posteriormente, por meio de um questionário semia-berto, se investigará o domínio e a segurança dos sujeitos graduandos e graduados no curso de Letras concernente ao uso dos gêneros digitais e das novas tecnologias em sala de aula. A maioria dos participantes da pesquisa alegou ter conhecimento sobre os gêneros em questão, contudo, grande parte afirma que a habilidade foi adquirida fora do contexto acadêmico, fato que ocasiona uma insegurança se estes profissionais realmente fazem/farão uso dessas tecnologias de forma a explorar seu potencial pedagógico.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Gêneros digitais. Contexto acadêmico.

ABSTRACT: *In the current social context we notice the profusion of new Information and Communication Technologies (ICTs) and of digital genres. In this way, at first, this research aims to discuss the insertion of new ICTs in the educational context (OLIVEIRA, 2003; GUIMARÃES, 2003; SIQUEIRA, 2013) and about digital genres (MARCUSCHI, 2002, 2005; FERRAZ, 2010; NOGUEIRA, 2012). After, using a semi-open questionnaire, we will investigate the domain of undergraduate and graduate Letters course students concerning the use of digital genres and new technologies in the classroom. Most of the participants affirmed to have knowledge about digital genres, however, most of them said that the skill was acquired outside the academic context, fact that causes uncertainty if these professionals make use of these technologies exploring their pedagogical potential.*

Keywords: *Information and Communication Technologies (ICTs). Digital genres. Academic context.*

¹ Pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

1. INTRODUÇÃO

Nota-se, atualmente, que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC²s) estão presentes nos mais diversos contextos sociais e têm proporcionado mudanças sociais, históricas, econômicas e políticas na sociedade. Nesse viés, concernente ao âmbito educacional, tem havido uma discussão e muitos defendem uma mudança na prática pedagógica em função de uma (maior) modernização e adequação às novas demandas sociais. Entretanto, é fato que não se pode esperar que haja adesão das TICs nas escolas com base apenas no argumento de seu impacto social e não há, por outro lado, como ignorá-las.

Para Paulo Freire (2001), “o homem concreto deve se instrumentar com os recursos da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação” (p.98). Siqueira (2013) assevera que as TICs potencializam o fazer, o pensar e conviver, já que reorganizam a visão de mundo de seus usuários, possibilitando mudanças na construção de conhecimento de forma cada vez mais coletiva e colaborativa. Nesse sentido, Nogueira (2012) defende que quanto mais tecnologias uma pessoa dominar, maior poder ela terá na sociedade. Percebe-se, destarte, a concepção de que o domínio das novas tecnologias por parte do sujeito estaria atrelado à ideia de emancipação, ampliação de conhecimento e até mesmo ao poder. Dessa maneira, à respeito do contexto educacional, que é um dos responsáveis pela formação dos sujeitos na sociedade, é relevante destacar que

O momento atual está marcado por mudanças aceleradas, as pessoas buscam na educação escolar uma segurança de ensino que lhes permitam o domínio de informações, conhecimentos, enfim, as pessoas buscam uma educação lhes deem melhor qualidade de vida. E, ter uma qualidade de vida hoje supõe estar incluído e beneficiar-se dos avanços tecnológicos conseguidos pela humanidade, é preciso ter acesso à informação e com qualidade, é necessário compreender esse mundo tecido no ciberespaço (NOGUEIRA, 2012, p.35).

Diante dessa necessidade verificável de inserir as novas TICs no contexto educacional, assim como os gêneros digitais, já que o ensino de línguas, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), deve ocorrer por meio de gêneros textuais, é de suma importância analisar se os cursos de formação de professores têm preparado os (futuros) educadores para lidar em sala de aula com essas tecnologias a fim de que elas realmente auxiliem no processo de ensino e aprendizagem. No caso da presente pesquisa, em específico, busca-se verificar se os sujeitos graduandos e graduados do curso de Letras³ possuem conhecimento sobre os gêneros digitais e se sentem preparados para trabalhar com as TICs em sala de aula. O intuito deste artigo não é discorrer sobre inovações ou tecnologias específicas que estejam inseridas na escola, mas sobre a relação professor/inovação impulsionada pelas novas

² “Conjunto de recursos tecnológicos resultado de três grandes vertentes técnicas: a Informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas” (BELLONI, 2005 *apud* SIQUEIRA, 2013, p.206).

³ A escolha de pesquisar a referida problemática neste curso em específico deve-se ao fato de ser a formação acadêmica da autora do presente artigo.

tecnologias.

Ademais, pretende-se realizar uma reflexão crítica sobre a temática em questão, de forma a incentivar novas pesquisas na área, já que não se esgotará o tema. Nessa perspectiva, em um primeiro momento se discutirá sobre a inserção das novas TICs no contexto de ensino, sobre os gêneros digitais, e, posteriormente, por meio da análise de um questionário semiaberto, se investigará o domínio e a segurança dos sujeitos graduandos e graduados no curso em questão concernente ao uso dos gêneros digitais e das novas tecnologias em sala de aula.

2. A INSERÇÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A história da educação brasileira é repleta de tentativas de inovar e uma análise mais apurada revela que, muitas vezes, para isso parte-se de modelos de contextos sociais e históricos distintos do nosso.

Conforme Oliveira (2003), no final dos anos 50 e início dos anos 60, pretendia-se revolucionar a escola básica a partir da inserção de uma matemática moderna, do uso de vídeos educativos de biologia e de um ensino mais atrativo tanto da física quanto da química a partir de experimentos. A ideia era que os professores partissem de conteúdos prescritos por cientistas a fim de adaptar os alunos a uma sociedade mais tecnológica.

Contudo, no final dos anos 70 os resultados das avaliações educacionais realizadas com alunos formados por meio dessa metodologia não apresentaram o que se esperava, pois foram decepcionantes. De acordo com o autor em pauta, esse fato provavelmente pode ser explicado pela apropriação de uma perspectiva fechada de verdade científica, a qual era regida por critérios essencialistas e objetivistas. Desse modo, os conteúdos deveriam ser memorizados e redescobertos de uma maneira demasiadamente simplista.

Oliveira (2003) assevera que com o intuito de compreender os insucessos das políticas públicas anteriores, a partir de 1995 investiu-se na chamada educação compensatória, a qual consistia na ideia de que muitos alunos tinham dificuldades, as quais decorriam das desigualdades sociais, e deveriam ser acompanhados de forma adequada pela escola através de programas especiais. Entretanto, esse autor pontua que essa política também gerou pouco resultado nos índices de evasão, repetência, analfabetismo e desconhecimento de princípios básicos das ciências. Segundo Oliveira (2003), conforme os pesquisadores, isso se deve à incompreensão, pelos docentes, dos projetos implantados e à não consideração das particularidades de cada escola.

É, portanto, notório que inserir inovações no contexto escolar não é uma tarefa simples, considerando que

a organização escolar tende (pela sua própria história e como é estruturada pedagógica e administrativamente) a ser obstáculo de inovação. Se nos referimos a processos de inovação que envolvem as novas tecnologias, devemos considerar um acréscimo na complexidade do processo (OLIVEIRA, 2003, p.37).

Além da própria estruturação da escola muitas vezes ser um empecilho para a inserção de inovações, muitas vezes os sujeitos responsáveis pela aplicação – neste caso, em específico, os educadores – não estão preparados para tal, culminando em uma ineficácia do processo. Corroborando com o autor em questão, quando se trata de novas tecnologias, a inserção de inovações no contexto escolar tende a ser ainda mais difícil não somente pelo desconhecimento de grande parte das pessoas envolvidas, mas, também, pela resistência.

Hernández *et al.*(1998) *apud* Oliveira (2003) destaca que a inovação possui caráter distinto para quem a promove, a executa ou recebe seus efeitos. A percepção da inovação no contexto educacional, nesse sentido, dependerá da relação do sujeito com a mesma. Para esses autores, as inovações mais marcantes no âmbito escolar foram as que proporcionaram alguma alternativa às necessidades identificadas, e, em função disso, permaneceram nesse contexto, favorecendo a qualidade do ensino. Dessa forma, a implantação eficaz da inovação depende diretamente de ambos os fatores: da relação do sujeito com a mesma além de sua real necessidade no contexto.

Para Guimarães (2003), não se deve buscar a inserção do uso de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos processos educacionais sem reflexão e um preparo adequado. É necessário um olhar crítico e um trabalho sério dos educadores, que esses estejam dispostos a encarar as novas realidades e, ao mesmo tempo, preservar a essência da educação.

De acordo com esse autor, o fundamental na discussão acerca da inserção das TICs na educação não consiste em se discorrer sobre as tecnologias disponíveis, mas sobre as mudanças que podem ocorrer no processo educacional em função delas. Com isso, o aprendiz passa a ser o centro das atividades, inclusive, de forma a privilegiar a relação epistemológica.

Siqueira (2013) afirma que além de promover modificações com relação à concepção de ensino e aprendizagem, as TICs alteram também os papéis sociais dos sujeitos envolvidos. O conhecimento não é considerado como algo acabado, mas construído de maneira contínua pelos sujeitos. O professor seria, então, um facilitador do processo e o aluno passa a ser mais ativo.

Oliveira (2003) revela que se deve estabelecer pré-requisitos mínimos de capacitação para a utilização das TICs, tanto de caráter prático quanto teórico, para que os docentes a partir disso possam refletir sobre sua atuação; já que a abordagem dessas tecnologias gera contradições, uma vez que, conforme Guimarães (2003), há pessoas que preferem uma ênfase teórica e outras, prática:

Pode ser uma tentação para os gestores mais imediatistas embarcar na ideia de incentivar uma formação meramente técnica, com vistas a resultados mais rápidos. O risco é que se repitam os vícios e erros mais comuns de uma educação funcionalista, ampliados pelo alcance da tecnologia. Por outro lado, é possível existirem casos de pesquisadores e educadores que se debruçaram sobre o tema da tecnologia aplicada à Educação, com um perfil voltado unicamente aos estudos teóricos, que podem ter dificuldades em realizar experiências viáveis economicamente em longo prazo (GUIMARÃES, 2003, p. 61).

É necessário, diante dos desafios impostos pelo uso das TICs na educação, na perspectiva

desse autor, que os profissionais da educação preparem e adaptem os projetos pedagógicos de forma colegiada, para que possam ser coerentes com a modalidade adotada, estando atentos para “atender plenamente o que é preconizado pela legislação e exigido em termos de documentação” (GUIMARÃES, 2003, p.63).

Siqueira (2013) defende que para o professor “sobreviver” nesse contexto da contemporaneidade considerado “fragmentado, assimétrico, desterritorializado e digital” ele necessita desenvolver diversas habilidades e competências, exigências essas cada vez mais relacionadas às TICs. Entretanto, apesar de todas as atuais cobranças do mercado de trabalho, muitos desses profissionais não estão familiarizados com essas novas tecnologias, culminando em uma subutilização das mesmas e até em um desconhecimento de suas potencialidades de ensino. Esse despreparo, verificável, segundo o autor, principalmente nos países em desenvolvimento, deve-se a “problemas na formação docente, falta de investimentos educacionais e programas governamentais de formação continuada de professores” (SIQUEIRA, 2013, p.205).

Com relação à formação de professores, verifica-se, muitas vezes, uma insuficiência teórica e prática acerca dos conhecimentos tecnológicos. Isso pode ser explicado, conforme Siqueira (2013), devido a um aspecto conjuntural, referente à diferença entre as gerações anteriores e dos nativos digitais e a um aspecto estrutural, relacionado à formação de professores e a organização do sistema de ensino.

Siqueira (2013) destaca que a utilização das TICs no processo de ensino e aprendizagem não deve estar restrita ao domínio das técnicas de informática, é de suma importância que sua utilização esteja associada à criação de condições para que o professor e os alunos se apropriem de conhecimentos sobre certo conteúdo pedagógico e contexto sociocultural. Neste viés, concernente à formação de professores,

não basta incluírem a Informática como disciplina, preocupando-se apenas num ensino técnico computacional. É importante que o professor não domine apenas as ferramentas computacionais, mas seja capaz de criar ambientes de aprendizagem e principalmente pensar criticamente sobre tais dispositivos. Aliando-se o saber técnico com o crítico, a incorporação das TICs na formação dos professores pode contribuir, portanto, para o enriquecimento do trabalho pedagógico, uma vez que contribui para a construção de um aprendizado mais autônomo, criativo e coerente com as construções de sentido da contemporaneidade (SIQUEIRA, 2013, p.207).

Sendo assim, diante das mudanças nas práticas sociais verificáveis na atualidade, as quais interferem e influenciam também o âmbito educacional, a inserção do ensino das TICs nos cursos de formação de professores é necessária, contudo, a mesma deve ocorrer de forma a aliar o conhecimento técnico, que entende-se pelo do domínio das tecnologias, ao crítico, que compreende o campo pedagógico. Destarte, o processo de ensino e aprendizagem ocorrerá de forma a acompanhar as mudanças tecnológicas sem perder elementos essenciais para a educação.

As TICs, portanto, se inseridas juntamente com uma proposta de ensino coerente e crítica, podem contribuir para a melhoria da ação pedagógica, uma vez que inserem novos dispositivos que

contribuem para o processo de ensino e aprendizagem e modificam os papéis dos sujeitos envolvidos de forma a favorecer a autonomia do estudante nesse processo.

3. GÊNEROS DIGITAIS

O ciberespaço, segundo Nogueira (2012), é considerado um espaço discursivo em que, com o advento da tecnologia, ampliam as possibilidades de interação e as oportunidades de surgimento de diversos gêneros discursivos.

Em consonância com Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) *apud* Marcuschi (2002), é impossível interagir verbalmente sem que seja por meio de texto e de gênero. Assim sendo, quando se fala em interação por meio das TICs deve-se levar ambos os conceitos em consideração. Com relação ao texto, ele é compreendido como uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual (MARCUSCHI, 2002). Enquanto que gênero textual, conforme Marcuschi (2005), na perspectiva do Círculo de Bakhtin e seus principais postulados, é um “texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, relativamente estável do ponto de vista estilístico e composicional” (MARCUSCHI, 2005, p.17).

Sendo, portanto, o gênero textual um fenômeno histórico e social, pode-se compreender as novas formas de se comunicar como fenômenos decorrentes da atual sociedade de informação, na qual, segundo Nogueira (2012), a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Dentre os diversos gêneros textuais que podem ser encontrados no ciberespaço identifica-se, por exemplo,

gêneros diversos que podem ser classificados em burocráticos: formulários, perfil, cadastro; ou relacionados ao cotidiano como o chat, o fórum, o blog; aqueles considerados escolares de divulgação científica tais como, verbetes, relatórios, instrução, apresentação, relato histórico, artigos científicos, dissertação de mestrado, tese de doutorado; ainda, encontram-se gêneros jornalísticos: notícia, reportagem, artigo de opinião; Artístico-literários: poemas, letra de canção, paródia; plásticas e gráficas: pintura, artes digitais; outras linguagens: música (NOGUEIRA, 2012, p.55).

Para Ferraz (2010), os gêneros digitais refletem a complexificação das esferas diante do advento da internet, na qual os enunciados apresentam características como “encurtamento dos textos, uso de links eletrônicos, uso da hipermídia, diferente aproveitamento de infográficos, entre outros” (FERRAZ, 2010, p.131). Ademais, conforme essa autora, o desenvolvimento acelerado e a utilização cada vez mais intensa dos gêneros digitais devem-se, dentre outros aspectos, à interatividade das informações que ocorrem tanto do internauta para com o texto quanto do internauta para outro internauta, ou seja, entre indivíduos.

Nesse viés, tendo em vista que as TICs introduziram na sociedade novas práticas discursivas assim como novos gêneros textuais, possibilitando diversas mudanças nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua em particular, é de suma importância que a escola, como

espaço de formação de sujeitos, as conheça melhor, já que grande parte da comunicação atualmente tem ocorrido nesse espaço.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo de conteúdo (BARDIN, 2011), haja visto o fato de partir de análises de questionários⁴ para investigar se os sujeitos graduandos e graduados no curso de Letras possuem conhecimento sobre os gêneros digitais e se sentem preparados para trabalhar com as TICs em sala de aula.

Como se trata de uma pesquisa que discorre sobre o âmbito das novas TICs, o instrumento de coleta de dados foi coerente com esta temática, já que para tal utilizou-se um aplicativo tecnológico para veicular o questionário, o *Google Docs*⁵.

O *link* para responder o referido documento foi postado em grupos do curso de Letras de Universidades Federais da região sudeste do Brasil na rede social *Facebook* e enviado para algumas pessoas por *WhatsApp* e *E-mail* durante o período de 15 (quinze) dias – do dia 1º a 15 de junho de 2018. Durante este prazo, 43 (quarenta e três) pessoas responderam, sendo, esse, portanto, o total de participantes da referida pesquisa.

5. ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS

Com o intuito de coletar os dados, foi desenvolvido, conforme mencionado anteriormente, um questionário no *Google Docs* contendo 9 (nove) perguntas, dentre as quais 5 (cinco) fechadas permitem traçar um perfil dos participantes e 4 (quatro) abertas possibilitam verificar o posicionamento deles acerca do tema pesquisado. A seguir tem-se a análise dos questionários.

5.1. Perfil dos entrevistados

Dentre os sujeitos participantes da pesquisa, 79% são do sexo feminino enquanto 21% são do sexo masculino. Concernente à faixa etária dos participantes, aproximadamente 56% possuem de 25 (vinte e cinco) a 35 (trinta e cinco) anos; 32,6% possuem até 25 (vinte e cinco) anos; e 11,6% de 35 (trinta e cinco) a 45 (quarenta e cinco) anos. Sobre o grau de escolaridade desses sujeitos, 32,6% estão com graduação em andamento; 18,6% possuem graduação concluída; 14% estão com mestrado em andamento; 14% estão com doutorado em andamento; e 11,6% possuem mestrado concluído.

Com relação aos participantes que são graduandos, ou seja, que ainda estão cursando o curso de graduação em Letras, 22% estão no 6º período; 22% estão no 7º período; 21% estão no 8º período.

⁴ O questionário aplicado encontra-se em anexo.

⁵ O *Google Docs* é um pacote de aplicativos do *Google* baseado em *AJAX*. Funciona totalmente on-line diretamente no *browser*. Os aplicativos são compatíveis com o *OpenOffice.org/BrOffice.org*, *KOffice* e *Microsoft Office*, e atualmente compõe-se de um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Docs>. Acesso em: 23 jun. 2018.

do; 14% estão no 3º período; 14% estão no 4º período; e 7% estão no 5º período.

Sobre os alunos que já concluíram a graduação, 45,5% a concluíram dentre 1 (um) a 2 (dois) anos; 45,5% concluíram há mais de 5 (cinco) anos; e, aproximadamente, 9% concluíram entre 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

5.2. Discussão sobre os resultados

Com relação ao primeiro questionamento “Você sabe o que são gêneros digitais? Se sim, poderia conceituá-los? 58% dos participantes da pesquisa afirmaram saber. Dentre esses, a maioria definiu o conceito de forma similar, mencionando que se trata de tipos de textos que circulam na internet, como se pode notar em:

Sim. Gêneros digitais são os diferentes textos que emergem das novas possibilidades de interação/comunicação online, resultantes do avanço da tecnologia, como os e-mails, fóruns, chats, entre outros (P.1)⁶.

Sim. Gêneros digitais são tipos de textos que circulam na internet, tais como e-mail, blog, chat etc. (P.18).

Uma parcela de 4 (quatro) participantes, de um total de 25 (vinte e cinco) que alegou saber o que são gêneros digitais, disse não ser capaz de conceituá-los: “Sei o que são, mas não saberia conceituá-los” (P.19). “Sei o que são, mas não me sinto segura em conceituá-los” (p. 40).

Do total, 23% dos participantes revelaram certa incerteza sobre os gêneros digitais: “Não sei exatamente, especialmente no que trata a questão em termos teóricos. Penso que se relacione aos gêneros textuais ou discursivos que circulam no ambiente digital” (P.20). “Blogs? Twitter?” (p. 39). E, 19% alegaram não saber: “Não” (p. 15).

Concernente ao segundo questionamento “Você considera que aprendeu durante o seu curso de graduação como utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem? Explique”, 56 % dos participantes afirmaram que não: “Não. Considero que minha formação foi orientada para um método ainda bastante tradicional, muitas vezes até pregando a tecnologia como vilã do aprendizado” (p. 3). “Não; o corpo docente ainda se mostra resistente a esse tipo de material” (p. 16). E 16% alegaram que aprenderam parcialmente utilizar tais tecnologias durante a graduação:

Mais ou menos. Foi pouco discutido, durante as disciplinas que cursei, como utilizar a tecnologia como ferramenta didática. Apesar de a maioria dos meus professores reconhecer a importância de tal associação, eles admitiam não se sentirem preparados, com domínio para abordar tal questão, por não terem traquejo, eles mesmos, com as novas tecnologias. Eram os próprios colegas de graduação, principalmente

⁶ Como os participantes responderam ao questionário de forma anônima, a letra “P” (=participante) seguida de um número serve para identificar o participante. O número significa a ordem de resposta do participante ao questionário.

nas disciplinas de estágio, que traziam para a sala de aula as tentativas realizadas nas escolas em que atuaram, como relatos de experiência (P.11).

Parcialmente. Não há muitas matérias de educação dentro do curso de letras, e normalmente elas rodeiam os mesmos assuntos, como produção textual e como ensinar gramática. Assim, as mídias digitais não são muito exploradas (P.43).

Dentre os participantes, 16% revelaram que aprenderam utilizar as novas tecnologias fora das aulas da graduação:

Não tive qualquer instrução formal durante a graduação para o uso de TICs. O que conheço (e acredito que meu conhecimento é bem básico) vem de leituras, seminários e congressos e uma disciplina que cursei, recentemente, já em treinamento de doutorado (P.8).

Durante o curso de graduação não aprendi nada de gêneros digitais, mas como me interessei sobre o assunto, estou sempre lendo sobre. Durante as semanas acadêmicas até vi algumas plataformas digitais pensadas para ensino de línguas, mas foi tudo muito pontual e superficial (P.32).

Por outro lado, 12% dos participantes afirmaram que aprenderam sobre as TICs durante a graduação: “Durante a minha graduação, discutimos bastante sobre o papel das novas tecnologias nas salas de aula e como utilizá-las” (P.5). “Sim, mas ainda muito pouco, como por exemplo: fazer uso de computadores com slides para a apresentação de trabalho; fazer uso das redes sociais para sancionar dúvidas e sugestões para o aluno” (P.29).

Com relação ao terceiro questionamento “Você se sente preparado para fazer uso das novas tecnologias em sala de aula? Explique”, 53% dos participantes afirmaram que sim. Conforme os relatos, o preparo foi obtido em outro contexto e não no curso de graduação, como é possível observar em:

Sim. Tenho 9 anos de formada e durante esse período fiz muitos cursos de atualização na área. Tenho uma especialização em Educação a distância e na tese de Doutorado utilizei as narrativas digitais como estratégia didática na pesquisa de campo (p. 10).

Sim, pois apesar de não ser preparado didaticamente, no dia a dia os utilizo bastante (p. 16).

Sim, mas por minha própria conta e interesse de ir atrás e testar novas tecnologias até achar alguma que eu sinta que possa usar especificamente com minhas turmas de alunos. (p. 32).

Sim, mas não devido ao ensino da graduação (p. 37).

Sim, mas não por ter aprendido na faculdade e sim no dia a dia (p. 38).

Em contrapartida, 35% dos participantes declararam que não se sentem preparados para fazer uso das novas tecnologias em sala de aula:

Não totalmente, pois não tive uma orientação para isso. Além disso, em muitas escolas, a utilização de recursos tecnológicos encontra barreiras, assim como o trabalho com os gêneros digitais. Isso porque ainda impera a tendência em priorizar um ensino pautado em métodos tradicionais e o professor, muitas vezes, não consegue ultrapassar tais barreiras (p. 3).

Não, pois considero que possuo uma formação insuficiente sobre assunto (p. 10).

Apesar de eu já ter trabalhado com tecnologias no processo de ensino-aprendizagem com os meus alunos, não me sinto preparada. Quando utilizo novas tecnologias, é tão somente o suficiente para atrair a atenção dos alunos e também para deixar a aula mais interativa. (...) Muitas vezes, minhas aulas concorrem com as telas dos celulares, dos computadores. Utilizar novas tecnologias, portanto, é uma maneira de garantir maior interesse e participação dos alunos na sala de aula. Afinal, eles são grandes usuários de computador e smartphone. Porém, infelizmente, não consigo trabalhar numa abordagem que de fato explore todo um potencial de ensino-aprendizagem dos meus alunos (p. 21).

Enquanto que 12% dos participantes alegaram que se sentem parcialmente preparados para trabalhar com as TICs:

Mais ou menos. Embora eu as utilize, não sei se da forma como faço são bem aproveitadas. No entanto, não deixo de usar (seja na forma de projetos ou mesmo levando tais gêneros para serem discutidos e produzidos). Às vezes é muito fácil e motivador trabalhar com gêneros digitais, pois os alunos se sentem motivados a produzir e já tem bastante consciência das características das maiorias desses gêneros e de como funcionam enquanto práticas sociais. Então, para ensinar língua, são uma excelente ferramenta a meu ver (p. 8).

Não me sinto plenamente preparada, pois nunca tive muita informação a respeito do uso das mídias em sala de aula e nunca fiz um curso voltado especificamente para o uso das novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Mas já utilizo alguns recursos em sala de aula, embora saiba que ainda tenho muito que aprender (p. 17).

Mais ou menos. Mais por intuição e prática do que conhecimento pedagógico. (p. 38)

Concernente ao último questionamento “O que você acha que poderia ser feito para que os cursos de formação de professores preparem (mais) os futuros professores para lidar com as novas

tecnologias em sala de aula?”, as sugestões versam sobre desconstruir a ideia de que a tecnologia é maléfica para a sociedade, inclusão da abordagem das novas TICs nos cursos de formação de professores, priorização de uma abordagem mais prática dos conteúdos em detrimento da teórica, e preparação dos professores universitários com relação às novas TICs, para que eles sejam capazes de ensinar os futuros professores a lidarem com as mesmas:

Primeiro é preciso desfazer a ideia ainda muito propagada de que a tecnologia é o mal do século e que é vilã no aprendizado dos estudantes (p. 3).

(...) acho fundamental que os cursos de formação de professores, sem precisarem propriamente interferir em suas matrizes curriculares, adaptem as disciplinas voltadas para didática de ensino a fim de que o estudo dos gêneros digitais esteja previsto em suas ementas, tanto na teoria quanto na prática. Para isso, são necessárias já uma formação e uma atualização dos professores dessas disciplinas universitárias ou mesmo a abertura para a participação de profissionais qualificados para o uso de tecnologias no processo educacional. (p. 4).

Acho que disciplinas que fornecessem não apenas conteúdos teóricos sobre novas tecnologias, mas que tivessem um conteúdo mais prático, de modo a levar os futuros professores a colocarem a “mão na massa” (...) Sabemos que as TICs estão aí e são super úteis para o contexto educacional, mas muitos professores não sabem como utilizá-las de forma sistemática e efetiva. Mas quando penso em formação de professores, também penso que grande parte dos formadores não tem preparado para lidar com as tecnologias (quem dirá para formar professores nas a partir de gêneros midiáticos), pois as práticas são um pouco “ultrapassadas” e muitos não se empenham em aprender as novidades do mundo tecnológico (p. 8).

Reforma da grade curricular do curso e do projeto pedagógico do curso. Além disso, investir na própria formação dos professores universitários, pois principalmente os profissionais mais experientes, mais velhos de casa, têm dificuldade de lidar com a tecnologia e não sabem como se apropriar dela para favorecer o processo de ensino-aprendizagem. A oferta de cursos de extensão ou oficinas também ajudaria muito (p. 17).

Em suma, a maioria dos (futuros) professores revelou saber o que são gêneros digitais e se sentir preparados para lidar com as novas TICs em sala de aula. Entretanto, um dado é preocupante: grande parte alega ter aprendido a lidar com estas tecnologias em outro contexto, e não no educacional, ou seja, não aprenderam sobre tais tecnologias no curso de formação de professores.

Neste cenário permanece, portanto, a dúvida: será que esses profissionais realmente fazem/ farão o uso adequado dessas novas tecnologias em sala de aula, enquanto educadores, explorando, de fato, seu potencial pedagógico ou o que impera é o uso intuitivo e superficial?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção de inovações no contexto de ensino, principalmente quando se trata de novidades da esfera tecnológica, é um desafio, já que muitas vezes as próprias instituições envolvidas represen-

tam um entrave e os principais sujeitos participantes não procuram se informar antes de se posicionar sobre o assunto, além de demonstrarem resistência à mudança. Corroborando com Guimarães (2003), para que a implantação da inovação seja construtiva e, nesse caso em específico o enfoque é nas novas TICs, é imprescindível uma reflexão apurada e um preparo, pois somente implantar a novidade não é suficiente, deve-se saber como e por quê.

Assim sendo, antes de exigirmos a introdução das novas TICs nas escolas básicas devemos pensar se os cursos de formação de professores realmente estão preparando os profissionais que são/serão os (futuros) professores para trabalhar em sala de aula com tais tecnologias, pois inseri-las nas escolas sem dar o devido preparo aos profissionais que com elas trabalharão é ineficaz. Além disso, é necessário pensar também sobre a formação dos professores universitários com relação às TICs, pois muitas vezes eles também não possuem domínio sobre tais.

A inserção do ensino das novas tecnologias nos cursos de formação de professores se faz necessária principalmente pela exigência do mercado de trabalho que requer profissionais que tenham diversas habilidades e competências, exigências essas cada vez mais relacionadas às TICs. E, como foi perceptível pelo relato dos participantes da pesquisa, muitas vezes devido ao despreparo eles estão subutilizando tais tecnologias, não sabendo tirar proveito de seu potencial pedagógico em sala de aula. Na maioria das vezes, eles tentam trabalhar com elas com base apenas em experiências que tiveram dissociadas do contexto acadêmico.

Ademais, é necessário que esses (futuros) profissionais estejam preparados para trabalhar com as novas tecnologias porque o ensino através das mesmas e dos gêneros digitais é coerente com as novas abordagens pedagógicas e com os PCNs, que defendem que o ensino de línguas deve se pautar em gêneros textuais.

Outro benefício pedagógico de tal abordagem é, em consonância com Siqueira (2013), que acarreta modificações com relação à concepção de ensino e aprendizagem e nos papéis sociais em sala de aula, já que o professor se torna mais um mediador enquanto que os alunos mais ativos com relação à construção do próprio conhecimento. Dessa forma, não se deve tentar inserir as novas tecnologias nesse espaço e insistir em metodologias tradicionais de ensino.

Nesse sentido, os participantes da pesquisa também sinalizaram um desejo por aulas mais práticas também nos cursos de formação de professores, pois diversos deles alegaram haver ainda o predomínio de aulas demasiadamente teóricas, ou seja, nota-se que a resistência a concepções mais atuais de ensino está presente nos próprios cursos de formação. Sendo assim, é imperativo que reflitamos o seguinte: se queremos professores que trabalhem com metodologias mais modernas nas escolas básicas devemos, primeiramente, requerer uma mudança no curso de formação desses (futuros) profissionais, para que eles possam aprender durante sua graduação a trabalhar com novas tecnologias de forma crítica, reflexiva e tirando o melhor proveito pedagógico de cada ferramenta.

7. REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa/* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

FERRAZ, F. S. M. Gêneros digitais e a Hipertextualidade. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 127-144, 2010.

Disponível em: <<https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/viewFile/84/64>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GUIMARÃES, L. S. R. Gestão de novas tecnologias no contexto educacional. In: BARIAN PERROTTI, E. M.; VIGNERON, J. *Novas Tecnologias no contexto educacional: reflexões e relatos de experiências*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2003.

Disponível em: <<http://portal.metodista.br/atualiza/conteudo/material-de-apoio/didatico-pedagogico/livros/novas-tecnologias-no-contexto-educacional/lucianosathler.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____ ; XAVIER, Antônio C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NOGUEIRA, F. C. *Gêneros midiáticos, internet e contexto escolar: relações entre fazeres e saberes*. 2012. Dissertação –Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

OLIVEIRA, L. C. V. Gestão do trabalho pedagógico, novas tecnologias e inovações na cultura escolar: uma intersecção a ser estudada. In: BARIAN PERROTTI, E. M.; VIGNERON, J. *Novas Tecnologias no contexto educacional: reflexões e relatos de experiências*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2003.

Disponível em: <<http://portal.metodista.br/atualiza/conteudo/material-de-apoio/livros/novas-tecnologias-no-contexto-educacional/lindamir.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SIQUEIRA, J. C. O uso das TICs na formação de professores. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, Itabaiana-SE, v.19, n. 2, 203-215, 2013.

Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1649/1476>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Favor marcar com um X a resposta que melhor se apresente para você.

*Obrigatório

1. Sexo *

- Feminino
- Masculino

2. Idade *

- até 25 anos
- de 25 a 35 anos
- de 35 a 45 anos

3. Qual sua escolaridade? *

- Graduação em andamento
- Graduação concluída
- Especialização em andamento
- Especialização concluída
- Mestrado em andamento
- Mestrado concluído
- Doutorado em andamento
- Doutorado concluído

4. Caso seja GRADUANDO, cursa qual período?

- 1º período
- 2º período
- 3º período
- 4º período
- 5º período
- 6º período
- 7º período
- 8º período

5. Se for o caso, há quanto tempo concluiu sua graduação?

- De 1 a 2 anos
- De 2 a 5 anos
- Mais de 5 anos

Questões discursivas

6. Você sabe o que são gêneros midiáticos digitais? Se sim, poderia conceituá-los?

7. Você considera que aprendeu durante o seu curso de graduação como utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem? Explique.

8. Você se sente preparado para fazer uso das novas tecnologias em sala de aula? Explique.

9. O que você acha que poderia ser feito para que os cursos de formação de professores preparassem (mais) os futuros professores para lidar com as novas tecnologias em sala de aula?

Maíra Ferreira Sant'Ana

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela mesma instituição. Ademais, é Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente é Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: mairafsantana@yahoo.com.br.

Enviado em 05/08/2019.

Aceito em 30/11/2019.